

As Vogais Médias Pretônicas no Falar Paraense

PRETONIC MID-VOWELS IN THE STATE OF PARÁ SPEECH

Abdelhak **RAZKY***

Alcides Fernandes de **LIMA****

Marilúcia Barros de **OLIVEIRA*****

Resumo: O presente trabalho aborda a variação das vogais médias pretônicas em dez cidades do estado do Pará. As análises foram feitas a partir de um *corpus* de 1975 dados, sendo 1008 para a variável /e/ e 967 para a variável /o/, proveniente do Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA 1.1). Foram considerados na análise os fatores extralinguísticos *localidade, idade, sexo*, com o objetivo de medir a atuação dessas variáveis no condicionamento da variação fonética das vogais médias no estado. Os resultados obtidos demonstram que no Pará predomina a pronúncia fechada das vogais médias pretônicas.

Palavras-Chave: Vogais médias pretônicas. Variação dialetal no Brasil. Português Brasileiro.

Abstract: The present work deals with the pre-tonic mid-vowel variation in 10 cities of the State of Pará. The analysis is based on a corpus of 1975 data, 1008 of them represent the /e/ variable, and 967 represent the /o/ variable.

* Doutorado (1992) e Pós-doutorado (2003) em Linguística, pela Université de Toulouse Le Mirail. Bolsista de produtividade CNPq. Professor e pesquisador do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará. Contato: razky@ufpa.br.

** Doutorado em Linguística (área de concentração: Socioterminologia) pela Universidade Federal do Ceará (2010). É professor da Universidade Federal do Pará desde 2003 e Membro do Conselho Superior do Campus de Castanhal desde 2011. Contato: alcides@ufpa.br.

*** Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2007). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Pará. Contato: mariluci@ufpa.br.

All the data are retrieved from the Digital Linguistic Atlas of Pará (ALiSPA 1.1). Extralinguistic variables like geographic location, age and gender are analyzed in order to measure their influence on the phonetic variation of mid-vowels in the state of Pará. The results show that the mid-close pre-tonic vowels are predominant in the state

Key-Words: Pre-tonic mid-vowels. Dialectal variation in Brazil. Brazilian Portuguese.

Introdução

A variação de pronúncia das vogais médias pretônicas há muito tem chamado a atenção dos estudiosos da língua portuguesa no Brasil. Num estudo apriorístico, Nascentes (1953) divide o Brasil em seis subfalares e os reúne em dois grupos, o do Norte e do Sul, com base na norma de pronúncia dessas vogais nas duas regiões: [e] e [o] (médias fechadas) para o Sul e [é] e [ó] (médias abertas) para o Norte. Depois de Nascentes, muitos outros trabalhos sobre as vogais médias pretônicas do português do Brasil, seguindo várias perspectivas de análises, foram realizados. Destacam-se, entre esses, os trabalhos de Bisol (1981), de Silva (1989), de Callou e Leite (2002), além, é claro, dos contidos nos atlas linguísticos estaduais e regionais. No Pará, destacam-se os trabalhos de Nina (1991), em Belém; de Freitas (2001), em Bragança; de Araújo (2007), em Cametá; e de Razky e Santos (2009), em seis municípios do estado (Almeirim, Altamira, Belém, Jacareacanga, Marabá e Soure). Apesar de todos esses trabalhos, o fenômeno da variação das vogais médias no Brasil ainda apresenta muitos pontos polêmicos, como, por exemplo, o peso e a relevância dos fatores sócio-dialetais e dos fatores de restrições fonológicas e morfofonológicas. Junta-se a isso a carência de estudos descritivos das vogais médias em algumas regiões do Brasil. Este trabalho, seguindo a metodologia dialetológica, apresenta um perfil da pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em dez cidades do estado do Pará. As análises foram feitas com base nos resultados do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALiSPA 1.1) (RAZKY, 2003).

1 As Vogais Médias Pretônicas no Português do Brasil

Como já é sabido, Antenor Nascentes foi o primeiro a fazer uma divisão dialetal do Brasil com base em critérios linguísticos. Essa divisão de Nascentes, apesar de não se fundamentar em dados empíricos coletados diretamente dos falantes, mas em sua observação pessoal e em sua experiência adquirida por meio de suas viagens por todo o território nacional¹, é, ainda hoje, se não aceita, pelo menos considerada sempre que o assunto é variação diatópica do português do Brasil (PB)².

Nascentes (1953) se baseou em dois aspectos da variação fonética do PB: a) a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/; b) um traço prosódico que ele chamou de “cadência” da fala. Com base nesses dois aspectos, “a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente”, Nascentes (1953) propõe a divisão do Brasil em seis “subfalares”, reunindo-os em dois grupos: o do Norte e do Sul. O grupo do Norte seria constituído por dois subfalares: o amazônico e o nordestino; o grupo do Sul, por quatro: o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista. Os subfalares do Norte seriam caracterizados pela pronúncia aberta das vogais médias pretônicas e pela “cadência” cantada; os do Sul apresentariam a pronúncia fechada dessas vogais e “cadência descansada”. O mapa a seguir representa a divisão dialetal do Brasil, como base na norma de pronúncia das vogais médias, segundo Nascentes (1953).

¹ Nas palavras do próprio autor: “Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade.” (NASCENTES, 1953, p. 24).

² Quando da definição dos pontos de inquéritos do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a proposta de Nascentes (1953) foi ponto de partida (cf. o site do projeto: <http://www.alib.ufba.br>).

Mapa 1 – Divisão dialetal do Brasil por Antenor Nascentes.



Em trabalhos mais recentes, os resultados têm demonstrado que essa distribuição das médias pretônicas, feita por Antenor Nascentes no início da década de 60, continua sendo válida – pelo menos em seu aspecto geral, porque também, como já se sabe hoje, há algumas localidades que podem ser consideradas “ilhas”, com relação à pronúncia das médias pretônicas (cf. SILVA, 1989; NINA, 1991). Leite e Callou (2002, p. 40), por exemplo, ao estudarem a pronúncia das médias pretônicas em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, com base em dados do projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta), chegaram aos seguintes resultados:

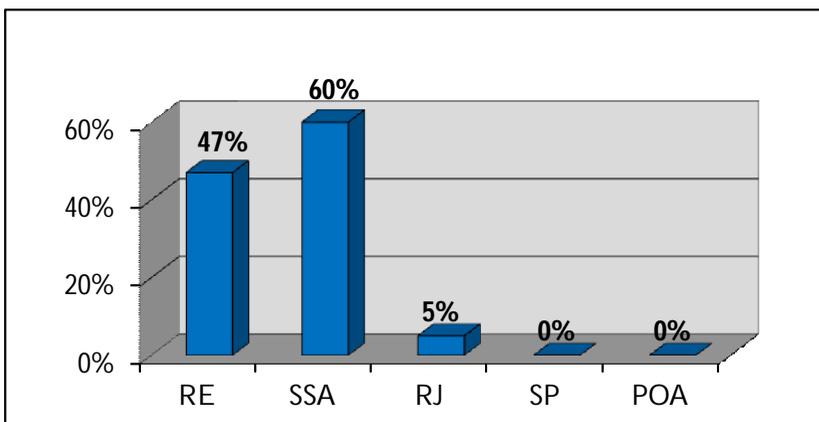


Gráfico 1 – Pronúncia aberta das pretônicas /e/ e /o/

Como podemos ver, as vogais médias pretônicas abertas apresentam alta frequência nas duas cidades do Nordeste e frequência baixíssima no Rio de Janeiro. Para São Paulo e Porto Alegre, não foi registrada ocorrência do abaixamento.

2 Metodologia

O português falado na Região Norte ainda é pouco conhecido, pois ainda pouco estudado. Com relação especificamente ao estado do Pará, os primeiros estudos de cunho propriamente variacionista sobre o português tiveram inícios na década de 90, sobretudo a partir de 1996 com criação do Projeto ALIPA (Atlas Geossociolinguístico do Pará), projeto que está vinculado ao Laboratório de Linguagem da Universidade Federal do Pará. Este trabalho utiliza dados desse projeto, tendo como objetivo principal estudar a variação dos fonemas /e/ e /o/ em contexto pretônico no falar de dez cidades do Pará. Pretende-se também avaliar a relevância de fatores extralinguísticos, tais como localidade, idade, sexo, no condicionamento da variação fonética desses fonemas.

2.1 Localidades

Para efeito da descrição do português do Pará, o projeto ALIPA dividiu

o estado em duas áreas: a rural e a urbana. Como este trabalho trata apenas da área urbana, apresentamos, abaixo, apenas a distribuição das dez cidades que constituem os pontos de inquéritos da área urbana do projeto. São elas: Abaetetuba, Altamira, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Conceição do Araguaia, Itaituba, Marabá e Santarém (RAZKY, 2004).

Mapa 2 – As dez cidades paraenses estudadas.



2.2 Composição da amostra

A amostra foi composta da seguinte forma:

- dois homens e duas mulheres para cada cidade (total de 40 informantes);
- duas faixas etárias: 19-33 (informantes A) e 40-70 (informantes B).

Todos os informantes com o nível de escolaridade *Fundamental Incompleto*, isto é, os informantes não poderiam ter cursado além do sétimo ano do Ensino Fundamental.

3 Apresentação e Discussão dos Resultados

Para cada variável controlada, /e/ e /o/, foram registradas três variantes, como descritas a seguir:

- Variantes do /e/: [e] ~ [é] ~ [i]
- Variantes do /o/: [o] ~ [ó] ~ [u]

Abaixo, seguem exemplos de ocorrências (contexto pretônico) das variantes fonéticas:

(01) colega	correr	estrada	desmaiou
assobio	botar	real	perdido
bonito	morreu	terreno	perguntar
borracha	televisão	fervendo	

Os gráficos 2 e 3 apresentam os resultados gerais das variantes de /o/ e de /e/ nas dez cidades paraenses.

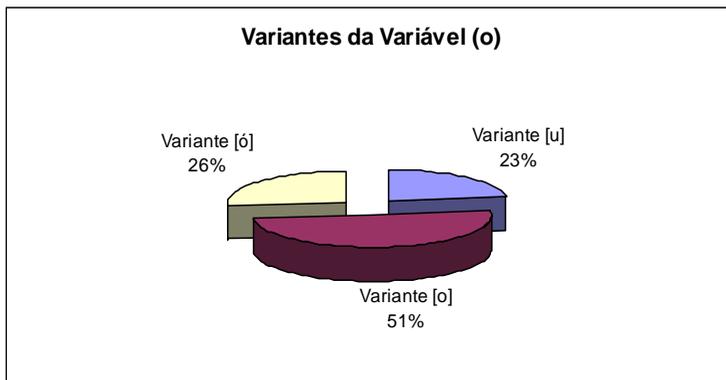


Gráfico 2 – Frequência das variantes de /o/

O gráfico 2 mostra os resultados gerais das variantes de /o/ nas dez cidades. A variante [o], com 51%, foi a que se mostrou mais frequente no estado.

O gráfico 3 apresenta as variantes de /e/ nas dez cidades. A variante predominante para /e/, no estado do Pará, foi [e], com 42% de frequência. Esse resultado coincide com o obtido por Razky e Santos (2009) num trabalho em que analisaram a variação da vogal /e/ e seis cidades do Pará, a partir de dados do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil.

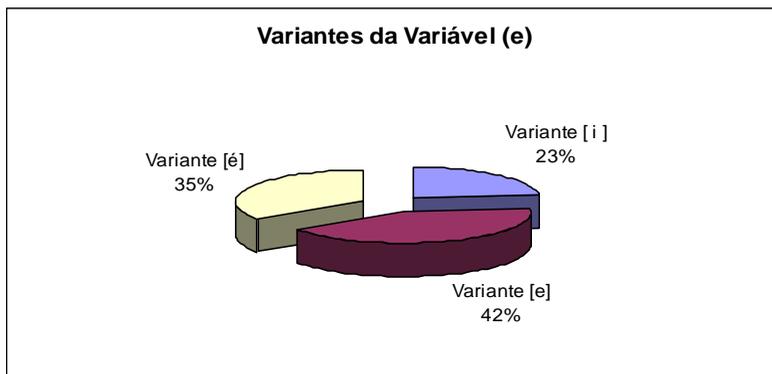


Gráfico 3 – Frequência das variantes de /e/

Como se pode notar, as variantes [o] e [e] foram as que se mostraram mais frequente no estado, seguidas, respectivamente, por [ó] (26%) e [u] (23%), para a média posterior; e [é] (35%) e [i] (23%), para a média anterior. Os resultados referentes às variantes altas são idênticos para /e/ e para /o/.

Considerando esses resultados referentes às variantes de /o/ e de /e/ , nas dez cidades paraenses, podemos dizer que as variantes mais comuns no estado são as médias fechadas. Todavia, esses resultados gerais não mostram a realidade do estado, porque essas variantes não possuem uma distribuição homogênea em todas as dez cidades. Os gráficos que serão apresentados mais adiante mostram a distribuição das variantes abertas e fechadas por cidade. Os gráficos de 4 a 9 apresentam valores percentuais e os de 10 a 13 fornecem valores de ocorrência.

As variantes [u] e [i] não foram consideradas em toda a análise, porque essas variantes parecem estar muito restritas a fatores internos ou à seleção

lexical (por exemplo: as palavras *desmaio*, *escola* e *joelho* são, quase que categoricamente, pronunciadas como d[i]smaio, [i]scola e j[u]elho, respectivamente).

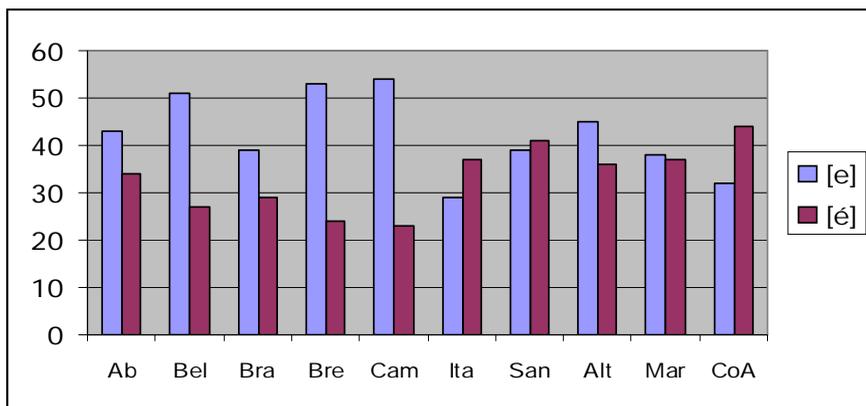
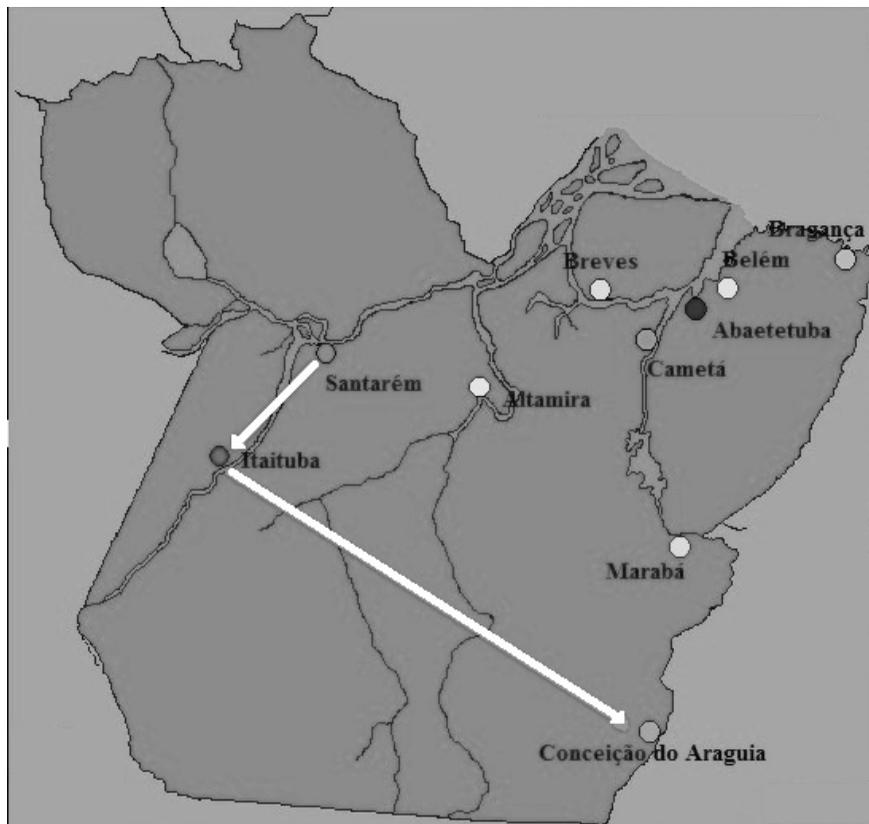


Gráfico 4 – Variantes [e] e [é] em dez cidades paraenses

De acordo com os índices numéricos e imagens apresentados no gráfico 4, é possível depreender que [e] predomina em praticamente todas as cidades do Pará que integraram a amostra (Abaetetuba, Belém, Bragança, Breves, Cametá e Altamira), exceto em Itaituba, Santarém e Conceição do Araguaia, cidades onde predomina a variante aberta. Em Marabá, ocorre uma espécie de “empate técnico”. As frequências para as duas variantes são bastante aproximadas, mas ainda há um leve predomínio de [e] sobre [é]. A predominância de [é] sobre [e], nessas três cidades, obedece à seguinte ordem: Conceição do Araguaia, Itaituba e Santarém. Esses resultados revelam que em áreas de intensa migração nordestina a variante aberta sobrepuja a variante [e] ou apresenta frequência próxima dessa variante, como é o caso de Marabá. O mapa que segue apresenta linha em vermelho indicando que a variante [é] vai crescendo em direção ao Sul do Pará, à cidade de Conceição do Araguaia (que tem a maior frequência).

Mapa 3 – Direção da variante [é] no estado do Pará



Os resultados referentes às *variantes posteriores*, [o] e [ó], apresentam semelhanças e diferenças em relação aos resultados obtidos para as *variantes anteriores*. Essas diferenças referem-se, sobretudo, à predominância da variante fechada, mesmo para as três cidades em que predomina [é].

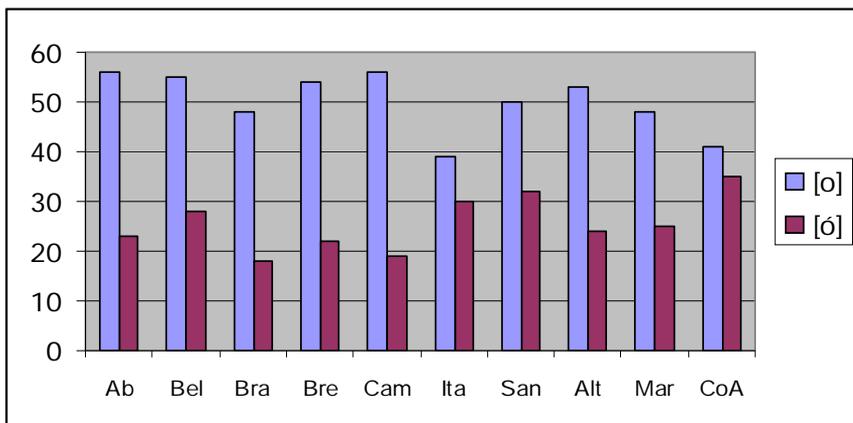


Gráfico 5 – Variantes [o] e [ó] no Pará

Como se pode observar, diferentemente dos resultados obtidos para /e/, a variante [o] predominou em todas as cidades paraenses. É curioso notar que, em Marabá, cidade em que ocorre uma espécie de “empate técnico” entre [e] e [é], os resultados apresentam alta predominância de [o] sobre [ó]. Cabe também ressaltar que em todas as cidades a diferença entre [o] e [ó] foi bastante significativa em favor da variante fechada [o], mas ela vai diminuindo em Conceição do Araguaia e Itaituba, cidades em que detectamos altas frequências da aberta [é].

3.1 Atuação da variável sexo sobre a variação de /e/

Os resultados referentes ao sexo evidenciam a predominância de [e] entre as mulheres, em Abaetetuba, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Itaituba e Santarém, conforme se pode visualizar no gráfico 6:

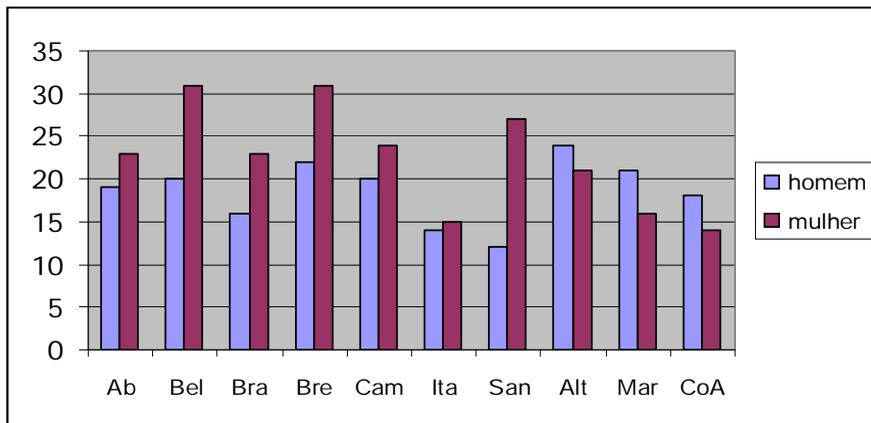


Gráfico 6 – Variante [e] entre homens e mulheres

Nas demais cidades, isto é, em Altamira, Marabá e Conceição do Araguaia a variante é preferida pelos homens. Nessas três cidades, a diferença de frequência de [e] entre homens e mulheres é baixa. Em Belém, Breves e Santarém são encontradas as mais altas diferenças entre homens e mulheres para [e]. Já em Itaituba, há imagens que parecem caracterizar um “empate técnico”.

Com relação à [é], houve predominância entre os homens em Abaetetuba, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Itaituba, Marabá e Santarém. Apenas em Altamira e Conceição do Araguaia, [e] foi mais frequente entre mulheres do que entre homens.

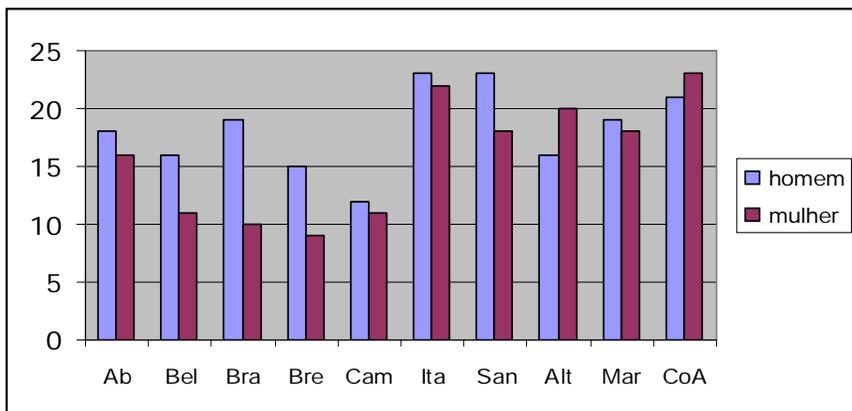


Gráfico 7 – Variante [é] entre homens e mulheres

Em termos gerais, mulheres preferem a variante fechada ao passo que homens preferem a variante aberta.

4.2 Atuação da variável sexo sobre a variação de /o/

A variante [o] foi mais frequente entre as mulheres em Abaetetuba, Belém, Bragança, Breves, Marabá e Santarém, conforme se pode visualizar no gráfico 8:

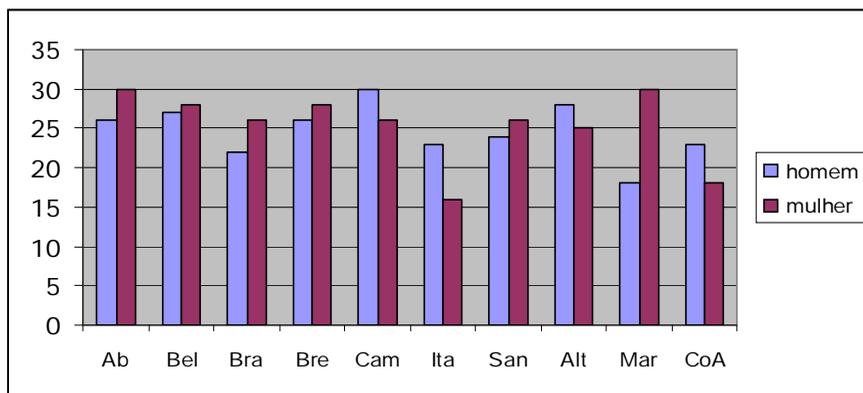


Gráfico 8 – Variante [o] entre homens e mulheres

Por outro lado, em Altamira, Cametá, Itaituba e Conceição do Araguaia a variante foi predominante entre os homens. Em Belém, encontram-se os resultados mais aproximados para homens e mulheres.

As mulheres preferem [ó] em Abaetetuba, Bragança, Cametá, Itaituba e Conceição do Araguaia. Já os homens preferem essa variante em Marabá e Breves, conforme se pode visualizar no gráfico 9:

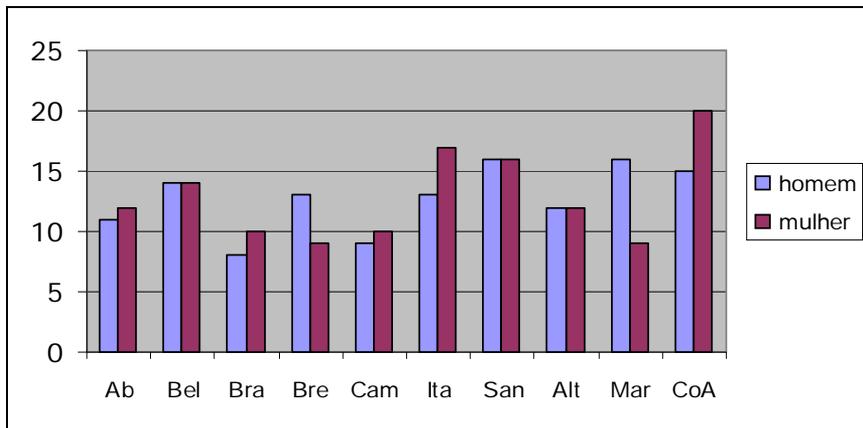


Gráfico 9 – Variante [ó] entre homens e mulheres

Em Belém, Santarém e Altamira, homens e mulheres usam a variante aberta na mesma proporção.

Nos gráficos 10 e 11, é possível visualizar de forma mais geral o comportamento das variáveis em estudo em função da atuação do sexo. Começemos por /e/:

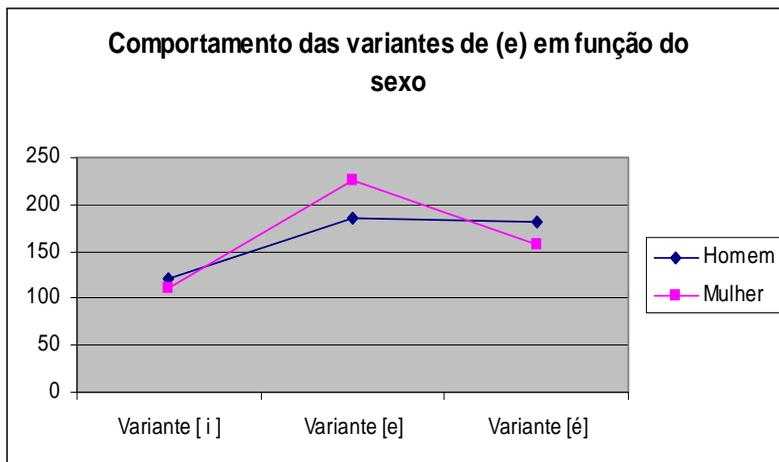


Gráfico 10 – Variação de /e/ em função do sexo

As mais altas frequências, nos dois sexos, correspondem a [e]. O comportamento linguístico de homens e mulheres aproxima-se para as três variantes, mas essa aproximação se dá principalmente para [i] (variante que parece, como já foi dito, determinada por fatores linguísticos), vindo depois [é] e, em seguida, [e].

Com relação à variante [o], temos resultados parecidos, como podemos observar no gráfico 11.

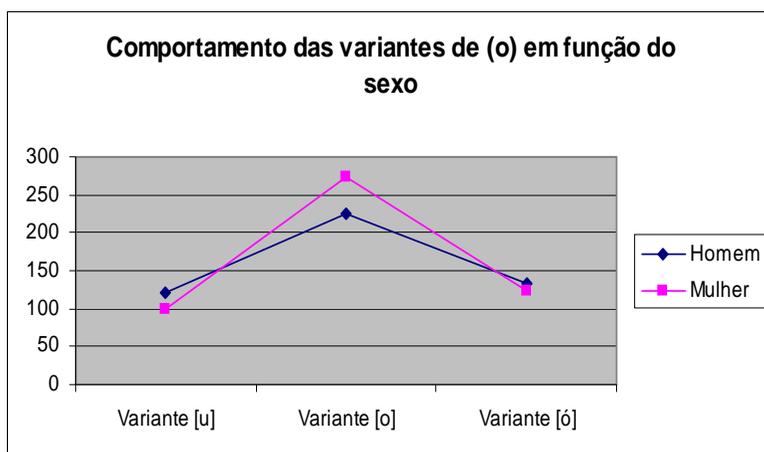


Gráfico 11 – Variação de /o/ em função do sexo

Aqui, as mais altas frequências, para os dois sexos, também correspondem à variante fechada, [o]. Novamente, o comportamento linguístico de homens e mulheres aproxima-se para as três variantes, mas essa aproximação não se dá na mesma ordem que se identificou para as variantes de /e/. Há mais aproximação para [ó], vindo depois [u] e, em seguida, [o].

3.3 Atuação da variável idade sobre a variação de /e/ e /o/

Os gráficos 12 e 13 apresentam os resultados relativos à atuação da idade sobre a variação de /e/ e de /o/. Aqui, também as mais altas frequências são encontradas para as variantes fechadas. Vejamos, primeiramente, os resultados referentes a /e/:

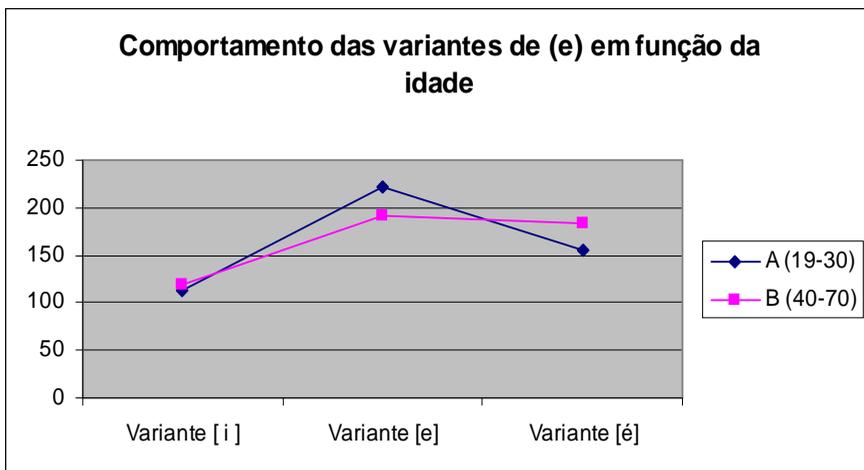


Gráfico 12 – Variação de /e/ em função da idade.

Os resultados evidenciam a predominância de [e] na faixa etária mais jovem e na mais velha. Como constatado para a variável sexo, há aproximação entre as frequências entre a primeira (19-30) e a segunda faixa etária (40-70). Elas são mais aproximadas para [i], depois para [e] e, em seguida, para [é]. Os mais velhos e os mais jovens usam, em ordem decrescente de preferência, [e], [é] e [i].

No gráfico 13, estão dispostos os resultados da atuação da variável idade sobre as variantes de /o/.

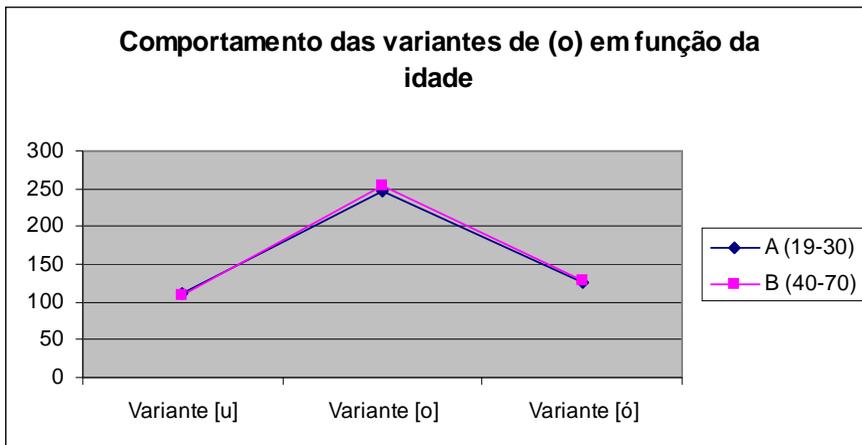


Gráfico 13 – Variação de /o/ em função da idade

Os resultados também evidenciam a predominância de [o] na faixa etária mais jovem e na mais velha. Aqui, temos os resultados mais aproximados dentre as variantes avaliadas. As linhas quase sobrepostas evidenciam isso. Os usos da primeira e da segunda faixa etária são praticamente idênticos. Como constatado para a variante /e/, os mais velhos e os mais jovens usam, em ordem decrescente de preferência, [o], [ó] e [u].

Considerações Finais

No Pará, pelo que podemos constatar nos resultados apresentados, predomina a norma de pronúncia das médias fechadas, [e] e [o]. Cidades caracterizadas por grande influência nordestina favorecem as variantes abertas [é] e [ó], mas isso não é regra para todas as cidades que sofreram fluxo de migração do Nordeste. A região Nordeste do estado (de forte migração nordestina), talvez pela proximidade com Belém, favorece as variantes fechadas [e] e [o].

Mesmos não havendo significativa variação das vogais médias pretônicas em função do sexo e da faixa etária, os resultados mostram que as maiores ocorrências das variantes abertas se dão na fala dos indivíduos do sexo masculino e na dos indivíduos da segunda faixa etária, ao passo que as maiores ocorrências das variantes fechadas aparecem na fala dos indivíduos

do sexo feminino e na dos indivíduos da primeira faixa etária, o que talvez possa indicar uma tendência de mudança de *aberta* para *fechada* no estado.

Há de se ressaltar, por fim, que esses resultados impõem uma revisão do mapa de Antenor Nascentes, uma vez que demonstram que o Pará, possuindo norma de pronúncia *fechada* das vogais médias pretônicas, não pode ser agrupado aos estados do nordeste brasileiro, como imaginava Nascentes.

Referências

ARAÚJO, M. *As vogais médias pré-tônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá-PA: uma abordagem variacionista*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém. 2007.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.

FREITAS, S. N. de. *As vogais médias pretônicas no falar de Bragança*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém. 2001.

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NINA, T. *Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém*. 1991. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1991.

RAZKY, A. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: [s. e.], 2004. 1 CD-ROM.

RAZKY, A.; SANTOS, E. G. dos. O perfil geolinguístico da vogal /e/ no estado do Pará. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 17-39.

SILVA, M. B. da. *As pretônicas no falar baiano*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.